

**PROVA DE INGRESSO PARA O ESTUDANTE INTERNACIONAL DOS
CURSOS DA ESE: PORTUGUÊS (código 18)**

(PROVA TIPO)

00 de mmmm de 0000

**Tempo de realização da prova – 1h30
(Tolerância: 30 minutos)**

PARTE I

Leia atentamente o excerto do texto “De quando morri virado ao mar” de José Saramago e responda às questões formuladas.

Deixei a lagoa pelo meio da manhã, quando o sol limpava já todo o céu. Sobre a água, que as rápidas aragens mal agitavam, não tinham ficado vestígios da neblina cerrada que, no amanhecer, cobrira toda a superfície. Valera a pena acordar cedo e ver o nevoeiro rolar sobre a lagoa em flocos soltos, como se cuidadosamente o sol os varresse até nada mais ficar entre a água e o céu azul. Arrumei os petrechos, atirei-os para as costas, e, descalço, comecei a longuíssima caminhada pela praia fora, entre o bater das ondas e a panorâmica vagarosa das arribas vermelhas.

A maré enchia, mas havia ainda extensas toalhas de areia molhada e dura, por onde era fácil caminhar. O sol estava quente. De cabeça descoberta, corpo um pouco inclinado para compensar o peso da mochila, marchava em passo certo, como era meu hábito, procurando esquecer-me de que as pernas me pertenciam, deixando-as viver da sua vida própria, do seu movimento mecânico. Foi assim que sempre gostei de caminhar, vinte ou trinta quilómetros sem um descanso, apenas o rápido sorvo na bica de uma fonte, e ala.

Também não parei para almoçar: faltava-me o apetite por tanto sol que apanhara nos dias anteriores, faltava-me sobretudo a paciência para cozinhar na praia. Limitei-me a comer duas laranjas que se desfaziam em doçura. Trincava as cascas ao mesmo tempo que a polpa e cuspiam para longe os caroços, como um garoto feliz. Quando as correias da mochila deram em cortar-me a pele queimada, tirei a camisa, fiz dela uma rodilha, que acomodei no ombro esquerdo, e ali assentei o peso. Segui para diante, aliviado das dores.

O sol ardia com mais fogo. Sentia-o nas costas como a palma de uma mão esbraseada, ao passo que começava a nascer e a irradiar uma espécie de adormecimento na nuca. O suor arrepiava a pele naquele sítio. Aproximei-me da rebentação e esfreguei a cara, os ombros, a nuca. Atirei chapadas de água para as costas. A mochila aumentara de peso. Passei-a para o ombro direito e, tropegamente, a camisa caiu na areia escaldante. Fiquei a olhá-la, como se nunca a tivesse visto, enquanto as correias me vincavam o ombro. Cheguei mesmo a dar alguns passos, e foi preciso um grande esforço para compreender que devia voltar para trás e levantá-la do chão. Senti-me esquisito, pairando no ar, e esta sensação não me deixou, nem mesmo quando me sentei e me deixei cair de costas. Havia dentro de mim uma náusea um pouco embaladora que me obrigou a rolar para um lado. O sol estivera a dar-me nas pálpebras fechadas: entre os meus olhos e o céu havia uma cortina rósea, a cor delgada do sangue que me corria confusamente dentro do corpo.

1. Caracterize as condições atmosféricas que se verificaram naquele amanhecer, na lagoa junto ao mar.
2. Explique por palavras suas o seguinte excerto: “procurando esquecer-me de que as pernas me pertenciam, deixando-as viver da sua vida própria, do seu movimento mecânico” (linhas 10-12)
3. Explícite os efeitos do “sol [que] ardia com mais fogo”.
4. Apresente três palavras-chave do excerto que permitam a compreensão do seu conteúdo fundamental.
5. Redija uma sinopse, com 50-70 palavras, que dê conta dos tópicos principais do texto.

PARTE II

1. Identifique a classe gramatical a que pertencem as seguintes palavras extraídas do texto:

bater (linha 6), descoberta (linha 9), um (linha 9), sorvo (linha 13), rósea (linha 30).

2. Selecione no texto formas verbais flexionadas nos seguintes tempos e modos:

pretérito mais-que-perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito composto, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e infinitivo.

PARTE III

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu

Fernando Pessoa, In *Mensagem* (1934)

1. Inspirado/a no texto inicial e no poema de Fernando Pessoa, redija um texto com 140-160 palavras sobre o mar.

COTAÇÕES/ TOTAL: 200 PONTOS

I Parte: 50 pontos

II Parte: 50 pontos.

III Parte: 100 pontos.